

A Dupla-Volta do significante: notas topológicas sobre a repetição em psicanálise

Lucas Neckel*

Resumo

O presente artigo apresentará a estrutura do oito interior como fundamento topológico do conceito de repetição tal como definido por Jacques Lacan. Das investigações em torno da estrutura em questão, derivaremos considerações que nos permitem investigar tanto o estatuto da psicanálise lacaniana enquanto dispositivo clínico quanto o desenvolvimento lógico de certas conjecturas do psicanalista francês. No trabalho com os conceitos, pensaremos a repetição articulada às duas célebres definições que Lacan fornecerá a seu conceito de Real: o “*impossível*” e o “*mesmo*”. Além disso, discutiremos a relação entre repetição e ato analítico, sendo este último considerado um conceito em disputa entre alguns dos mais proeminentes pós-lacanianos. Sustentando o fundamento topológico comum a ambos - a dupla volta do significante proporemos que nosso estudo da repetição pode jogar luz sobre a especificidade do ato como manobra clínica frente ao tratamento das neuroses.

Palavras Chave: topologia, repetição, oito interior, tique, ato analítico

Abstract

This article will present the structure of the internal eight as the topological foundation of the concept of repetition as defined by Jacques Lacan. From the investigations concerning the structure in question, we will derive considerations that allow us to investigate both the status of Lacanian psychoanalysis as a clinical device and the logical development of certain conjectures of the French psychoanalyst. When working with concepts, we will think about repetition in conjunction with the two notable definitions that Lacan provided for his concept of the Real: the “*impossible*” and the “*same*”. Furthermore, we will discuss the relationship between repetition and the analytical act, the latter being considered a concept in dispute among some of the most prominent post-Lacanian. Supporting the topological foundation common to both of the concepts - the double turn of the signifier - we will propose that our study of repetition can shed light on the specificity of the act as a clinical maneuver in the treatment of neurosis.

Keywords: topology, repetition, internal eight, tyche, analytical act

Introdução

Na sessão de 11 de abril de 1962 do seminário *L'identification* (1961-1962), veremos o momento no qual Lacan abordará pela primeira vez a figura topológica oito interior. Ainda enigmática na ocasião, a figura surgirá sob o nome de “oito invertido”, sendo produto das investigações do parisiense em torno da superfície do toro. Tais investigações, por sua vez, culminariam na elaborada exposição dos aspectos fundamentais da relação entre Demanda e Desejo, tal como se passa entre Sujeito e Outro. Se, nessa primeira ocasião, Lacan simplesmente contentou-se em ratificar a ideia de que, na introdução de seu oito interior, não tratava de um novo significante, mas apenas de uma forma de poder “falar do mesmo novamente”, não poderíamos antecipar a inflexão extraordinária que tais palavras sofreriam no desenrolar de suas elaborações¹: seu “oito” indicaria a própria estrutura do traçado e corte do significante, ideia à qual Lacan dedicaria o resto de seu ensino. A introdução de tal estrutura será, para o ensino lacaniano, prenhe de consequências: veremos a reelaboração de alguns dos conceitos fundamentais à prática psicanalítica sob a luz da descoberta de 1962. Dentre os conceitos que receberam tal aporte topológico nos interessará especialmente o de repetição.

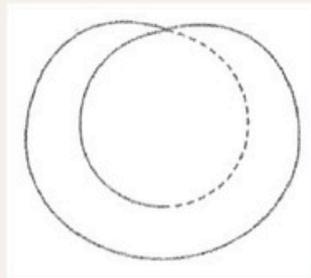
Anos depois da introdução do oito interior, na lição de 15 de fevereiro de 1967 de *Logique du fantasme* (1966-1967), Lacan apresentará uma série de definições preliminares à introdução de seu conceito de *ato* que, como veremos, descolar-se-ia manifestamente de qualquer referência privilegiada à “motilidade” e conotações semelhantes, articulando-o então à incidência significante e sua operatória. Define nesse momento, o ato, “sobre o fundamento do duplo bucle, dito de outra maneira: da *repetição*” (Lacan, 1966-1967). Tratemos então, de forma resumida, de reconstituir o fio de sua argumentação, de forma a evidenciar qual seria o nexo entre esses dois conceitos.

Retomando Freud, ao mesmo tempo em que busca desvincular-se do rótulo que lhe impunha um vínculo demasiado estreito à doxa estruturalista, vemos Lacan precisar sua modalidade de trabalho com a estrutura: “seguir o pensamento através do traço” (Lacan, 1966-1967). Ora, ao colocar o pensamento na dependência do significante (que aqui toma o estatuto de causa), reitera a posição que vinha assumindo nas lições anteriores, afastando-se decididamente de qualquer concepção mentalista da representação, recolocando assim o tópico no centro de sua revisão/crítica à noção de intersubjetividade - fantasma de seu próprio ensino. É a partir daí que virá a precisar, frente ao público daquele seminário, seu próprio conceito de repetição. Operando pela via consagrada por seu ensino pregresso, começa por efetuar a limpeza conceitual, já característica de sua conceitografia. O primeiro passo que dá, visa separar a repetição dos campos que, por sua suposta proximidade, poderiam tornar o uso do conceito impreciso ou arrastá-lo de volta para o seio da psicologia geral. Para isso, Lacan partirá da *wiederholungszwang* [compulsão à repetição] freudiana no que essa tem de

¹Nota-se tal fator “surpresa” proveniente da introdução do Oito Interior ainda no decorrer desse mesmo seminário, nas lições posteriores. Lacan mostrar-se-á tanto maravilhado quanto perplexo em relação a certa dimensão de sua descoberta (que, como indicaremos, retroage sobre a etapa pregressa de seu ensino). Vemos, por exemplo, cerca de 50 páginas após tal comentário, o oito interior concebido como “elemento vivo do significante”.

mais radical: o retorno sobre si implicado pela repetição tal como descrita na compulsão freudiana é determinado por sua própria estrutura, e não por uma “estrutura externa”, como poderia ser o caso da repetição tal como ordenada pelo princípio de prazer (Lacan, 1966-1967). Se não se trata, na compulsão à repetição, de um “mais ou menos tensão” é por tratar-se do mais (+) e do menos (-) como signos daquilo que deve se repetir. Logo, as coordenadas estruturais do que entendemos por repetição passariam a ser articuláveis por um certo princípio de identidade significativa (identidade, como sabemos, *impossível*) que, por si só, informaria a lei constituinte do sujeito. É a tal lei constituinte do sujeito que correspondem o “oito interior” e seu duplo bucle.

Figura 1 - O “oito interior”

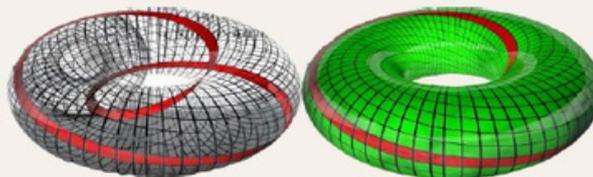


Fonte: LACAN, J. *Logique du fantasme* (1966-1967)

Quando um significante significa a si mesmo

Para sustentarmos a ideia de que Lacan refundaria a repetição a partir da estrutura topológica introduzida em *L'identification*, precisaremos passar por certos esclarecimentos preliminares. Começemos por adensar um pouco mais o contexto de aparição do oito interior. Como dizíamos anteriormente em nossa introdução, o oito interior deve seu primeiro aparecimento no ensino de Lacan ao trabalho com a superfície topológica do toro. Ora, após traçados sucessivos em tal superfície, vê-se a possibilidade de realizar um tipo de traçado que circundaria tanto seu vazio central quanto seu espessor². Eis então a estrutura de nosso interesse:

Figura 2 – O Oito interior no Toro:



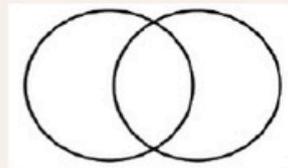
Fonte: L.C, PETRY “*Lacan & Jordan 04: teste com o 8 interior no toro*”. 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=96h5Ik5o3DI>.

²Podemos obter o mesmo traçado de Oito Interior ao realizarmos o percurso pela borda da fita de moebius. Para nossos fins, vale destacar que na experimentação topológica com a fita, realiza-se uma dupla volta com a impressão de se ter realizado apenas uma. No caso da repetição - lida como movimento do significante sobre si mesmo - temos a diferença (duplicação significativa) tomada pelo idêntico. Eis aí manifesto o efeito da dupla volta, como evidenciaremos a seguir.

Ainda um pouco mais de contexto: será como alternativa ao esquema de Euler-Venn (constituído por dois círculos) que veremos surgir o oito interior. Tal substituição carrega consigo uma pergunta obrigatória: ¿quais seriam as propriedades tão especiais que justificariam tal substituição e a ênfase que Lacan reservará, no resto do desenvolvimento de seu ensino, a essa estrutura? Para respondermos a essa questão, podemos, sem muito esforço, começar por evidenciar algumas das propriedades que distinguem o oito interior do esquema de Euler-Venn. Se por um lado no último [Figura 3], temos bem delimitados a ordem do externo e o interno - em descontinuidade -, algo bem diferente ocorre com o nosso “oito”: vemos uma dupla curva que se volta para dentro de si mesma: a linha de seu “círculo exterior” continua na linha de “círculo interior”³, produzindo o borramento dos limites entre externo e interno [Figura 1].

Figura 3 – Diagrama de Euler-Venn.



Fonte: LACAN, J. *L'identification* (1961-1962)

Resta esclarecer em que isso efetivamente nos auxiliaria a retomar o conceito de repetição. Tomemos como exemplo privilegiado a repetição fundante da relação entre demanda e desejo: no que diz respeito ao desejo, é somente pela repetição da demanda (insistência significante) que vemos apresentar-se, em relação ao real, a impossibilidade que toma seu marco no objeto a^4 . Se estamos habilitados a falar de alguma mesmidade relacionada à repetição, esta só pode ser pensada justamente, como apontamos, em relação ao real. Real esse, tomado enquanto “aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar” - conhecida fórmula de Lacan (1961-1962). Vimos anteriormente que, em *Logique du fantasme* (1967-1968), Lacan definirá o ato sobre o fundamento da repetição; a essa altura já estamos em condição de extrair certas consequências lógicas da aproximação dessas duas ideias tão importantes: o que está em jogo, é justamente o movimento da volta do significante sobre si mesmo.

Diz Lacan em *L'Acte Psychanalytique* (1967-1968): “o ato é, portanto, o único lugar onde o significante tem a aparência – em todo caso, a função – de significar a si mesmo.”

Tal ideia, evidentemente, não poderia passar sem alguns questionamentos ou complicações: ¿como estaríamos habilitados a falar de mesmidade ou identidade no campo das diferenças? ¿Ora, o significante não se define justamente pela impossibilidade de significar a si mesmo [$x \neq x$]? É neste ponto que a veremos a estrutura do oito interior tomar o seu valor, revelando a topologia do significante. Se o significante, por si mesmo, não

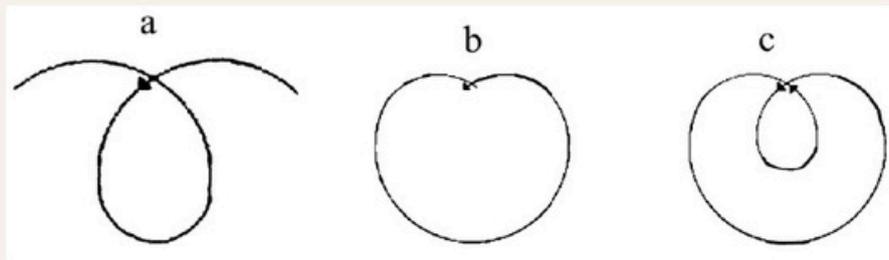
3 Propriamente falando, o que temos é um único círculo que se volta para si mesmo. Por isso as aspas.

4 Objeto que por sua vez é suposto pelo movimento de autorreferência significante.

significa nada, ao tentar repetir-se como idêntico (o mesmo) só poderá repetir a própria diferença. Nas palavras de Lacan (1961-1962): “o significante, enquanto que pode servir a significar a si mesmo, deve colocar-se como diferente de si mesmo. É isto que se trata de simbolizar em primeiro lugar”. É justamente essa relação do significante com a identidade e a diferença que vemos apresentado no oito interior – o movimento de autorreferência significante ordenado pela estrutura da dupla volta habilita a suposição do *mesmo* (autoidentidade significante) pela sobreposição entre interior e exterior [Figura 1]

¿O que é esse oito invertido, esse círculo que se retoma a si mesmo no interior de si mesmo? O que é isso senão um círculo que, no limite, se redobra e se recompõe, que permite simbolizar [...] esse limite, enquanto ele se retoma a si mesmo, se identifica a si mesmo. (Lacan, 1961-1962)

Figura 4 – A Dupla-Volta do Significante.



Fonte: LACAN, J. *L'identification (1961-1962)* [Modificado de *Staferla*]

Na figura acima, evidencia-se o bucle (a) e seu fechamento (c). Vê-se, pelo oito interior, de que forma o significante – tomado como corte – volta sobre si mesmo. É somente no momento dessa “repetição, fechamento ou ‘retorno ao mesmo’ que o Real se presentifica” (Triska e D’Agord, 2013, p.362), ou seja, apenas no momento onde apreendemos o significante, *recortando-se* no quiasma do oito interior, que podemos tomar como o “mesmo” aquilo que se encontra na primeira (a) e depois na segunda (b) volta. O significante só se repassa por ele mesmo porque o real, enquanto distinto do significante, é o mesmo (Lacan 1961-1962, p. 348-349). Vemos mostrada pelo traçado de nosso interesse a relação entre repetição e diferença, sustentada pelo impossível da aplicação do princípio da identidade ao significante. Disso, retenhamos dois pontos importantes para o desenvolvimento que se segue: a-) o significante, ao-tentar repetir-se como idêntico, só pode repetir seu lugar diferencial em A [$x \neq x$] (covariância); b-) neste movimento de volta sobre si mesmo da repetição o significante presentifica algo do real, por sua vez, idêntico a si mesmo [$x = x$]

Veremos em seguida como tal produção do idêntico a si mesmo (logo, vazio de sentido) está na verdade, para além da repetição mesma, ordenando-a em sua insistência.

Do ordenamento da repetição e sua insistência: *Tiquê, Automaton e o Real.*

Ora, da mesma maneira que o furo central do toro não se confunde com as voltas que o constituem, distinguir-se-á do automatismo da rede significante (*automaton*) o real que o ordena (*tiquê*). Avancemos na discussão propondo uma leitura da proposta introduzida por Lacan (1964) em Quatro *Conceitos Fundamentais*, pensada sob a luz da estrutura que expusemos na seção anterior.

Vimos acima que o real (como o mesmo) é posto em jogo justamente no momento do encontro com o impossível da autoidentidade significante [$x=x$]. Temos então, curiosamente, certa conjunção entre duas das definições canônicas que Lacan utiliza para dar conta de seu conceito de Real: o impossível e o mesmo. Ao falarmos de “encontro com o real” (1964) certamente nos referimos ao que Lacan apresenta como pertencendo ao campo da *tiquê*. Defenderemos que a função da *tique*, como contingência absoluta (Chiesa, 2010), é justamente aquilo que nos habilita a sustentar clinicamente que o automatismo de repetição (contingência empírica) constituinte do sujeito possa ser alterado em sua legalidade a partir do *encontro* psicanalítico. Se, com Chiesa (2010), insistimos em evidenciar a função do contingente relacionada à *tique*, é por compreendermos tal função como justamente aquilo que permitiria Lacan sustentar o real (tanto como “impossível” quanto como o “que volta ao mesmo lugar”) como o ponto lógico estrutural que se encontra no fundamento do funcionamento da máquina simbólica e seu automatismo de repetição, tendo, no oitavo interior, sua mostração. Eis aí um dos pontos que justificam logicamente a construção do ato sobre o fundamento da repetição.

Dada a relação moebiana entre teoria e práxis, entendemos que tal hipótese - ou seu abandono - não vão sem consequências clínicas palpáveis. Tomemos, para a argumentação que se segue, o conceito de ato – lido aqui como sinônimo da interpretação/corte interpretativo.

Da repetição ao ato: a produção de um novo sujeito.

Começemos por precisar a posição teórica à qual nos contraporemos na construção de nosso argumento, tomando como seus arautos no campo lacaniano o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2000) e o discípulo direto de Lacan, Jacques Nassif (*apud* Lacan 1967-1968). Ao contrário dos autores mencionados, sustentaremos que o ato propriamente dito não pode deixar idêntica a estrutura do sujeito pois, dessa forma, qualquer inscrição poderia receber o rótulo de ato indiscriminadamente – levando inevitavelmente à banalização deste conceito. Tal problema, ainda nos anos 1980, não passou despercebido por figuras como Louis Althusser (1999). Segundo ele, a banalização do conceito de ato analítico por parte dos discípulos de Lacan ocultava a verdadeira querela política e jurídica por trás da dissolução da École Freudienne de Paris (EFP). É notória a forma como tal disputa pelo conceito lacaniano de ato parece ter sido repetida/retomada no debate da filosofia

contemporânea, principalmente no que diz respeito à crítica de Zizek a Alain Badiou (Zizek, 2000). Basta, para tornarmos explícito esse ponto de forma simples, analisarmos, por exemplo, a divergência de interpretação entre ambos no que toca à questão do fim do socialismo no leste europeu: na concepção de Badiou, não teríamos de fato um *événement*⁵, pela ausência de uma *transformação estrutural* propriamente dita; ao passo de que, Zizek - como bem expõe Fischer (2021) em seu artigo “*Evento ou ato?*” - argumentará que “o movimento popular que disse não ao regime comunista, em nome de uma solidariedade autêntica, produziu um verdadeiro ato” (p.332). O que está em jogo então na leitura de Zizek é o argumento de que o *ato* não exigiria necessariamente uma mudança estrutural para ser pensado enquanto tal. Podemos argumentar que tal leitura encontra seu fundamento no conhecido resumo que Jacques Nassif (*apud* Lacan 1967-1968) nos entrega do *Seminário XIV* de Lacan, onde, embutida no próprio ato, estaria a possibilidade de que não ocorresse nenhuma verdadeira mudança estrutural. Ou ainda, nas palavras de Fischer (2021) “ocorre que o ato implica riscos, inclusive o de que nada realmente novo seja instaurado depois dele (foi justamente isso que aconteceu no Leste Europeu)” (p.332). Tal chave de leitura poderá ser questionada nos próprios termos de Lacan, por exemplo, quando o vemos sustentar que o sujeito é “inteiramente transformado pelo ato” (Lacan 1966-1967). Sob essa perspectiva, nos distanciamos do argumento comumente sustentado – mesmo por Fischer (2021) – de que Zizek seria aquele “mais alinhado à proposta de Lacan”. Se o ato só pode ser tomado como tal no *après-coup*, não veríamos motivo de recusar a proposta de Badiou como genuinamente condizente com a lógica das elaborações de Lacan em torno do ato.

Embora a discussão que apresentamos se trate de uma aplicação da psicanálise à leitura da cultura, sabemos bem, desde Lacan, que toda disputa em torno de um conceito há de ter seu correlato prático. Nesse ponto, sustentaremos uma definição que comporte a especificidade do ato como manobra clínica frente ao tratamento das neuroses. Seguindo o que expõe Déroche (2007) no artigo “*Sublimar n’est pas refouler*”, argumentamos pela necessidade da “ruptura que faz desaparecer o sujeito e conduz a uma verdadeira báscula identitária”. É aqui que o ato no sentido analítico do termo difere do ato legal, jurídico, administrativo. Desta forma, entendemos que a diferença gerada pela repetição significativa (encontro com o real como o mesmo) é condição que habilita a produção de um novo sujeito pela via da interpretação/ato. É o que somente o traçado do oito interior poderia nos presentificar, por suas propriedades estruturais: ao bordejar a falta pela via de seu “círculo interior”, faz emergir o objeto *a* e concede à interpretação uma função desalojadora” (Triska e D’Agord, 2013, p.364). Tal entendimento nos habilita a argumentar que: a-) o fundamento da máquina simbólica lacaniana tem o oito interior como seu mecanismo fundamental; b-) a única necessidade ordenante da repetição é a *tique* (entendida como encontro com a contingência absoluta) - a possibilidade de tal encontro nos permite sustentar

5Comumente traduzido como “evento” ou “acontecimento”. Tal conceito, mesmo tomando seu lugar em um sistema distinto (o de Badiou) revela, em diversos pontos, sua origem lacaniana.

o ato analítico como manobra clínica capaz de possibilitar o advento de um novo sujeito operando sobre a cadeia significante neurótica.

Conclusão

Ao utilizarmos o oíto interior como eixo central de nossa argumentação, expusemos de que forma uma abordagem topológica do conceito de repetição nos permite tanto uma articulação consistente entre os elementos da conceitografia de Lacan quanto uma nova posição frente às querelas contemporâneas do campo lacaniano. Por esta via, pudemos articular a repetição às duas das célebres definições que Lacan dá a seu conceito de real: o “mesmo e o impossível. O duplo movimento de que habilita a suposição do mesmo tem sua condição justamente no impossível: a autoidentidade significante - eis aí também o que nos permite propor a continuidade entre a teoria da repetição apresentada em *L'identification* (1961-1962) e aquela apresentada em *Quatro Conceitos Fundamentais* (1964) com a releitura dos termos aristotélicos de tiquê e *automaton*. Se no decorrer do nosso percurso nos servimos da disputa em torno do ato analítico como exemplo paradigmático, foi justamente para evidenciar a insuficiência de abordagens que desconsideram o fundamento topológico subjacente às definições de Lacan no trabalho com o conceito. Dessa forma, apresentando a “dupla volta significante” como a estrutura à qual respondem tanto a repetição quanto o ato analítico, pudemos ver a como teorização em torno do “retorno do significante sobre si mesmo” servirá de pedra angular para a série de conjecturas que se desenvolverão nos anos que seguem ao seminário de 1961-1962. Teremos então dado então contribuição para o pensar tanto da “máquina simbólica lacaniana” quanto da especificidade da manobra clínica em relação ao sofrimento neurótico.

Referências Bibliográficas:

- Althusser, L (1999). *Writings on Psychoanalysis*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Chiesa, Lorenzo (2010). «Hyperstructuralism's Necessity of Contingency». En *Journal of the Circle for Lacanian Ideology Critique, Capitalism and Psychoanalysis* (8), 159-177.
- Fischer, M. P. (2021). Evento ou ato? Sobre as críticas de Žižek a Badiou. *Trans/Form/Ação*, Márlia, v. 44, ed. 3, p. 317-336
- Lacan, J. [1961-1962] *Séminaire 9. L'identification*. <http://staferla.free.fr/S9/S9.html>.
- Lacan, J. [1964] (2008). *Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. [1966-1967] *Séminaire 14. Logique du Fantasme*. <http://staferla.free.fr/S14/S14.html>.
- Lacan, J. [1967-1968] *Séminaire 15. L'acte*. <http://staferla.free.fr/S15/S15.html>.
- Déroche, S. (2007). Sublimar n'est pas refouler. *Cliniques méditerranéennes*, Paris, n. 76, p. 297-311.
- Triska, V. e D'Agord, M. (2013) O Corte Interpretativo em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, v. 29, ed. 4, p. 361-367, Out-Dez 2013.
- Zizek, S (2000). *Ticklish Subject: The Absent Centre of Political Ontology*. Nova Iorque/ Londres: Verso.
-